



No mundo dos brancos, o índio Hoenã descobriu a eletricidade e viu que a noite podia virar dia. Trabalhou como engraxate, sem nunca ter calçado um sapato, e se casou com uma portuguesa. Passou por cima de muitos obstáculos e agora só pensa em usar o que aprendeu, em benefício de sua gente.

Ati, o índio que venceu a cidade.

Há 14 anos, a curiosidade transportou um terena do Mato Grosso para o porto de Santos. Ele passou fome, morou embaixo da ponte e deu duro para sobreviver. Agora, estuda Direito para advogar pelo seu povo.

Foi como entrar numa máquina do tempo. Aos trinta anos de idade, sem falar português nem imaginar o que iria encontrar pela frente, o índio terena Ati Hoenã embarcou num Fusca em sua aldeia, no Mato Grosso. Horas depois, assustado, foi abandonado no centro de uma grande cidade. Seu único bem era um calção vermelho. Passados 14 anos, o cidadão brasileiro Sátiro Ati Hoenã trabalha como electricista, cursa Direito e amanhã, em Mogi das Cruzes, num seminário que ele próprio promove, vai apresentar um projeto de cooperativismo agrícola para os índios. Em uma década e meia ele cortou um atalho de milênios.

aconteceram as coisas. Mas lembra que se casou três anos depois de chegar. "Escolhi logo uma inimiga", brinca. E explica: "Minha mulher é portuguesa, e os portugueses quase acabaram com os índios". Eles têm um casal de filhos, Márcio de 11 anos e Sarita, de dez. Os dois nasceram e vivem em São Paulo, mas aprenderam os costumes dos ancestrais e acompanham o pai nas visitas às aldeias. O que mais gostam é o rio. "Afinal, eles são terena", diz.

Nos 14 anos em que conviveu com os brancos, Sátiro manteve o contato com seu povo. "Foi para isso que vim", garante. Estudou o problema do índio e tornou-se defensor dos povos da floresta. Grande parte do salário, gasta em sementes, comida e ferramentas que distribui em aldeias nos Estados de São Paulo e Mato Grosso. "O índio está passando fome, por isso vêm acontecendo esses suicídios em Dourados", explica.

Projeto para uma raça

O índio Sátiro é bem-humorado. Seu português só ganha um leve sotaque quando está ansioso — o que acontece quando conta suas histórias ou fala da causa indígena. Ordena as idéias com clareza e o vocabulário é mais extenso do que a média dos paulistanos. Agora, pretende usar essa condição para convencer os interessados pelo drama indígena a colaborar com sua luta.

Amanhã, na Universidade Braz Cubas, Sátiro estará apresentando seu projeto de cooperativismo agrícola. Ele é um dos palestrantes do seminário "Terra, Educação e Agricultura", que pretende discutir os problemas das comunidades indígenas e apontar soluções. O encontro terá apresentações de dança e música e um almoço típico.



Hoje, Hoenã não acredita mais nas coisas que o assustavam quando criança na tribo dos terenas. Mas espera que todos os detalhes de sua cultura indígena possam ser preservados.



A mesma cultura sob o olhar de duas civilizações

Houve tempo em que o garoto Ati Hoenã assistia a rituais em que uma cobra passeava pelo corpo de sua avó, a koixomoneti — curandeira — da aldeia e ficava com medo. "Hoje, depois de tudo que aprendi, sei que não havia cobra nenhuma", diz. "Mas os índios continuam vendo, e isso é importante para nossa cultura", conclui.

A convivência com o branco permitiu a Ati Hoenã entender os mistérios e costumes da cultura terena pela ótica de duas civilizações. Quando fala do assunto, mistura orgulho com um ar didático. Ele explica que os terena são monogâmicos e só casam depois que completam trinta anos. "Por isso temos poucos filhos", explica.

A mulher precisa ser no mínimo dois anos mais nova do que o noivo e são as mães que combinam o casamento dos filhos. Uma índia que tenha um menino pequeno já o promete a outra grávida. Foi assim que Ati Hoenã tornou-se amigo de Upe. "Se ele fosse menina, casaria comigo", explica. "Mas quando nasce outro homem, eles são considerados irmãos e ficam amigos para o resto da vida".

As crianças terena nunca são castigadas e quando visitam outra oca têm garantida uma porção de comida. "É a forma como preservamos a cultura e garantimos o futuro". Os terena acreditam na reencarnação e pedem conselhos aos mortos sobre colheitas e caçadas. "A vida é apenas uma passagem e começa, na verdade, depois da morte", explica Sátiro.

O cacique é escolhido pela força e tem que falar português obrigatoriamente. Não tem mandato e é trocado quando a tribo percebe que há um outro mais competente. "Se um índio fala português, é forte e tem uma boa lavoura ou caça bem, pode substituir um cacique que não esteja agradando."

Os terena trabalham na agricultura ou para fazendas de cana. "Mas lá, além de ganharem pouco, acabam pegando doenças e se tornando viciados em cachaa", acusa Hoenã.

O esporte preferido é o uka-uka, uma luta que lembra o sumô japonês e que anualmente escolhe seu campeão. "Mas ninguém ganha nada, só prestígio", diz. O povo gosta de nadar e brincar nos rios. "Quando ouço um trovão, já me dá vontade de cair na água", brinca Sátiro. Os adultos participam das brincadeiras infantis mesmo depois de velhos.

"Comida de índio nem o cachorro come", afirma Sátiro. "Porque não sobra", conclui rindo.

O projeto, que será administrado pela Na-Kopnoti-Ya — associação indígena — prevê um núcleo em São Paulo e outros em várias aldeias. O objetivo é distribuir sementes e ferramentas. O custo da primeira fase é de Cr\$ 5 milhões. "Depois, com a venda da safra, ampliamos os núcleos e introduzimos outras benfeitorias", prevê.

Esse trabalho é feito precariamente por Sátiro, que lança mão de pequenos truques para que os índios não comam as sementes que leva para as aldeias. "A fome é tanta que eles comem tudo o

que aparece", conta. Por isso, separa a comida e põe farinha de trigo nas sementes: "Digo que é veneno e que se eles comerem morrem na hora".

Sátiro acredita ter uma missão a cumprir. Seu nome significa que, como segundo filho, ele herdou os dons da avó, curandeira e vidente na aldeia onde morava. Cursando quarto ano de Direito, não sabe se vai voltar para a aldeia, mas garante que não abandona o papel que tem a cumprir: "Estudando, posso ajudar meu povo mais ainda do que se fosse apenas outro pajé". Hoje, sua preocupação é conseguir pagar as mensalidades da Universidade Braz Cubas durante os dois anos de faculdade que lhe restam.

Para os guarani, dia do Índio é coisa de branco.

Não pense em comemorar o dia do Índio com os guarani de São Paulo. Eles são radicais. "Este é um dia inventado pelo branco", afirma o cacique Altino dos Santos, do aldeamento Boa Vista, no sertão do Prumirim em Ubatuba — litoral norte paulista. "Quando nossas terras forem demarcadas e o índio tiver saúde, educação e dignidade respeitada, marcaremos uma data para comemorar nossa vitória."

O cacique Altino é o presidente da Ação Guarani Indígena —

Aguai —, que reúne os aldeamentos dessa nação indígena no Estado. "Queremos unir todas as aldeias guarani no País para, juntamente com os representantes de outras tribos, lutarmos por nossos direitos", propõe.

No início deste mês, os guarani de São Paulo e Rio estiveram reunidos no aldeamento da Barragem, a 70 quilômetros do centro de São Paulo. Discutiram a reformulação do Estatuto do Índio e da Funai, frente à nova Constituição. Em fevereiro, o presidente Collor

criou uma comissão especial de estudos para, no prazo de 90 dias, apresentar uma proposta dessa reformulação. Em junho, todas as lideranças indígenas do País estarão discutindo o assunto em Brasília. Os guarani terão, então, suas propostas já elaboradas.

Os guarani constituem a única nação indígena que, durante os quase 500 anos de colonização, permaneceu ao lado do branco sempre mantendo sua cultura e unidade.

Prisella Siqueira/AE